

EDUCAÇÃO SEXUAL NA INFÂNCIA

Pesquisando concepções de professores da cidade de Jataí, Goiás¹

Kênia Eliane de *Oliveira*²

Elis Regina da *Costa*³

RESUMO

A sexualidade infantil ainda se caracteriza como uma temática bastante complexa de ser abordada. Observa-se uma escassez de estudos voltados para educação sexual das crianças. O objetivo geral da presente pesquisa foi investigar junto aos professores da educação infantil e das séries iniciais, das escolas da rede municipal e particular de Jataí – GO suas concepções e práticas a respeito das manifestações da sexualidade infantil em sala de aula. Os participantes foram 20 professores da rede pública e particular da cidade de Jataí – GO. Os dados foram coletados por meio de um questionário. A maioria dos participantes da amostra relatou um conceito de sexualidade adequado ao que é apontado pela literatura. Confirmou-se o despreparo que o professor possui para aceitar e trabalhar a sexualidade de seus alunos. Os educadores que participaram da pesquisa declararam-se conhecedores da proposta de trabalho dos PCNs sobre Orientação Sexual, contudo afirmaram a necessidade e a disponibilidade para estarem participando de novos cursos voltados para a temática. Pouco mais da metade dos professores afirmaram sentirem-se aptos e seguros para esclarecer as dúvidas e trabalhar este tema. Sugestões breves sobre como intervir de maneira prática junto aos alunos sobre sexualidade são tecidas no final.

Palavras-chave: Educação sexual. Criança. Escola.

ABSTRACT

The child sexuality is still characterized by a very complex thematic to be taken up. It is possible to see a lack of studies focused on child sexual education. The general aim of this current research is to investigate through nursery and first-year-elementary school teachers, from public and private schools in Jataí – GO their conception and practice about the manifestation of child sexuality in the classroom. The participants were 20 teachers who work on the nursery and the first years of elementary school from public and private schools of the city of Jataí – GO. The data about child sexuality were collected through a questionnaire. Most of the participants of the sample reported a concept of sexuality appropriate to what is pointed out in the literature. It was confirmed the unpreparedness of the teachers to accept and deal with the sexuality of their students. The educators who participated of the research affirmed to be aware of the work proposal of NCP (National Curriculum Parameters) about sexual orientation, however they affirmed the necessity and the will to be joining new courses about the theme. A little bit more of half of the teachers said to feel prepared and safe to be clarifying the doubts and deal with the theme. Suggestions about how to interfere in a practical way with

1. Artigo adaptado do Trabalho de conclusão de curso da primeira autora, realizada sob orientação da segunda.

2. Graduada da Universidade Federal de Goiás. E-mail: keniaeo@hotmail.com

3. Professora adjunta da Universidade Federal de Goiás/Campus Jataí. E-mail: elisreginacosta@yahoo.com.br

the students and, thus, build a space of reflection about values and prejudice related to the sexuality are made. At the end of this paper.

Key-words: Sexual education. Child. School.

INTRODUÇÃO

Ao se pensar em sexualidade infantil é fundamental compreender primeiramente qual é o conceito atual a respeito de “sexo” e “sexualidade”. Sexo pode ser entendido como a forma biológica que se determina pelas genitálias, que na idéia de gênero é visto como o feminino e masculino. Já a sexualidade vai além das partes do corpo. De fato, a sexualidade é uma característica que é estabelecida e está presente na cultura e história do homem que é sexuado desde que nasce. Mais especificamente, segundo Nunes e Silva (2006, p. 73), a sexualidade transcende à consideração meramente biológica, centrada na reprodução e nas capacidades instintivas.

Nos dias atuais, podemos observar o quanto a instituição educacional tem tomado para si a responsabilidade de educar e de estruturar a criança, papel este que antes era de total responsabilidade dos pais, ou pelo menos por ele auxiliado. Neste sentido, Outeiral (2006) afirma que o currículo das instituições educacionais deve contemplar não só trabalho o físico, emocional e cognitivo, mas também propostas que promovam a saúde e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. O currículo escolar é o eixo principal para a construção do conhecimento, assim sendo, não pode ser visto apenas como uma relação de disciplinas, conteúdos, avaliações, mas deve ser um sistema de valores éticos, morais, sociais.

Para Nunes e Silva (2006), se torna um desafio trabalhar com a educação de crianças se o professor não tem conhecimento da importância que possui a sexualidade para a sua formação. Pais e professores devem estar sempre atentos às perguntas das crianças e bem como saber respondê-las corretamente. Ainda de acordo com Nunes (2006), a negligência da verdade ou o falseamento da resposta a respeito do sexo e da sexualidade pode contribuir para o desenvolvimento do sentimento de solidão e trazer para a criança a sensação de não poder confiar naquele que está próximo a ela para ajudá-la a resolver suas angústias, neste sentido responder aos questionamentos feitos de maneira espontânea, sincera e verdadeira se constitui a melhor solução.

A curiosidade que a criança possui a respeito da sexualidade em muitos casos se expressa por meio de perguntas, jogos ou brincadeiras. Para a criança, a brincadeira sexual não possui o mesmo sentido que para o adulto e não deve ser vista como algo pecaminoso, vergonhoso. Tal curiosidade é normal e fundamental para o seu desenvolvimento emocional e intelectual. É notório que quando se conversa abertamente sobre questões ligadas à sexualidade o responsável ou educador tem a oportunidade de desvendar as dúvidas e preconceitos existentes na fala da criança.

Segundo Brêtas e Jardim (2005, p. 158) educação Sexual é todo processo informal pelo qual aprendemos sobre a sexualidade ao longo da vida, seja

por meio da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia. Definem também Orientação Sexual como processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, realizado principalmente em escolas. Neste sentido para os autores, a família, a sociedade e a escola são as instituições básicas para o desenvolvimento da educação das crianças. O autores afirmam que:

A educação sexual é prioritariamente uma competência da família, pois é peça chave na formação da identidade de gênero e no desempenho dos papéis sexuais de seus filhos. A família, mesmo que não dialogue abertamente sobre sexualidade, é quem dá as primeiras noções sobre o que é adequado, ou não, por meio de gestos, expressões, recomendações e proibições (Brêtas; Jardim, 2005, p. 158).

Para Silva e Megid (2004), o trabalho de orientação sexual só passou a ser tratado como algo fundamental a partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que traz um texto sobre “Pluralidade Cultural e Orientação Sexual”, (1997). Já Reis e Ribeiro (2002) afirmam que no Brasil a temática sobre sexualidade ganhou visibilidade a partir da década de 1980, devido às mudanças comportamentais em relação ao sexo, sentiu-se a necessidade de desenvolver um trabalho que ofertasse informações preventivas.

JUSTIFICATIVA

O tema sexualidade infantil e suas manifestações surgiu como objeto de curiosidade e pesquisa deste trabalho, no período em que a pesquisadora atuou como professora regente de uma sala de aula do maternal I. Durante esta experiência, a pesquisadora vivenciou diversas dificuldades que pais e professores vivenciam ao lidar com a sexualidade das crianças. Isso é o que desencadeou a referida pesquisa, que busca investigar de maneira exploratória o trabalho desenvolvido pelos professores da educação infantil e séries iniciais sobre as manifestações da sexualidade das crianças em meio à prática docente.

É sabido que falar sobre sexualidade é para muitos um desafio, pois ainda se encontra muita resistência à idéia de que as crianças são sexuadas. Por este motivo é necessário que todos os envolvidos tenham a convicção da necessidade de rever seus conceitos, ultrapassar os preconceitos e estereótipos, refletir sobre sua própria sexualidade, lutar contra os tabus impostos pelo meio social.

É hoje consensual a opinião de que para o educador que enxerga a criança em sua individualidade é nítida a presença da sexualidade desde o nascimento. Ao nascer o individuo inicia seu autoconhecimento de forma natural e espontânea, mas isso não significa que a criança não necessite das pessoas próximas para auxiliá-la a encontrar as resposta que a angustia, e é neste momento que a presença de um professor consciente de sua sexualidade e que respeite a criança como um individuo em formação desenvolva um trabalho pedagógico reflexivo e emancipatório.

No Brasil, nas últimas décadas, diversas pesquisas foram desenvolvidas na área de educação sexual, em sua maioria voltada para adolescentes, com temas sempre em torno das doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce. Contudo observa-se uma escassez de estudos voltados para educação sexual das crianças, ou seja, trabalhos desenvolvidos com as crianças desde a primeira infância, para que estes possam chegar à adolescência exercendo sua sexualidade de maneira segura e responsável.

A presente investigação foi de natureza descritiva e exploratória e teve como objetivo geral investigar junto aos professores da educação infantil e das series iniciais, das escolas da rede municipal e particular de Jataí – GO suas concepções e práticas a respeito do que é sexo e sexualidade. Mais especificamente procurou-se verificar como lidam com as manifestações da sexualidade infantil em sala de aula, bem como suas dificuldades em lidar com esta temática em sala de aula. Outro propósito também foi verificar como foi tratado o tema relativo à sexualidade infantil durante a formação inicial destes professores, especificamente no curso de graduação. Procurou-se também identificar se os

professores conhecem as propostas de trabalho de orientação sexual vindas do Pcms e se existe algum projeto sobre o tema sendo desenvolvido junto às crianças da educação infantil e das series iniciais em Jataí Goiás.

METODOLOGIA

Participantes

A amostra total contou com a participação de 20 professores, atuantes no berçário (1), maternal (6), 1ª série (3), 2ª série (5), 3ª série (3), e 4ª série (1). Tais educadores atuam na educação infantil e nas series iniciais do ensino fundamental, em escolas da rede pública e particular da cidade de Jataí – GO, compreendendo uma faixa etária de aproximadamente 19 a 48 anos, sendo que 85% (17) dos participantes estão atuando como educadores entre 5 e 10 anos; 15% (3) da amostra atua em sala de aula entre 11 e 20 anos. Vale ressaltar que, os profissionais da educação infantil e anos iniciais pesquisados eram todos do gênero feminino, mostrando a ausência de professor do gênero masculino nas series iniciais. Das profissionais pesquisadas 90% (18) eram profissionais já formadas ou cursando a graduação na área da Pedagogia, Letras 10% (1) e Educação Física 10% (1), trabalhando em escolas da rede municipal e particular do Município de Jataí, estado de Goiás.

Instrumento

Os dados sobre sexualidade infantil foram coletados por meio de um questionário, constituído por duas partes: a) identificação pessoal e formação do profissional (parte I); b) dados relativos à sexualidade infantil (parte II, questões fechadas e abertas). Na construção do questionário, formularam-se questões fechadas de múltipla escolha e algumas questões abertas, de forma que favorecesse a análise dos objetivos propostos. Assim, para atender ao proposto no projeto de pesquisa, foram elaboradas 11 questões, que foram aplicadas a professores que

atuam desde o berçário ao ensino fundamental I (Anexo I).

Resultados

A primeira pergunta investigava a concepção que os participantes possuíam a respeito do que é sexualidade. A partir da análise das respostas das participantes, foram detectadas 5 categorias de respostas: 41% (13) das professoras afirmaram que sexualidade tem haver com a intimidade, a afetividade do indivíduo, as experiências de vida que a pessoa carrega consigo desde sua infância; 3% (1) descrevem que sexualidade não é apenas relação sexual; 31% (10) pontuaram que sexualidade é a sensualidade, o prazer, o conhecimento do próprio corpo; 22% (7) das participantes descrevem a sexualidade como sendo gênero feminino e masculino; e 3% (1) não respondeu a questão.

A segunda questão verificou como foi tratado o tema relativo à sexualidade infantil durante a formação inicial, especificamente no curso de graduação, destes professores. Baseadas nas respostas dadas, 70% das educadoras afirmaram ter recebido de seus professores na graduação algum tipo de orientação sobre como trabalhar em sala de aula a orientação sexual com seus alunos; apenas 30% afirmou não ter passado por nenhuma matéria que orientava como desenvolver trabalhos voltados para esta temática.

A terceira pergunta se referia ao conhecimento das participantes a respeito da proposta de trabalho do PCNs em relação à orientação sexual na escola e se existe algum projeto sobre o tema sendo desenvolvido junto às crianças da educação infantil e das séries iniciais em Jataí Goiás. A partir das respostas, constatou-se que 90% (18) das professoras pesquisadas afirmaram conhecer as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Orientação Sexual. Constatou-se a inexistência de projetos a respeito da sexualidade nas escolas de Jataí.

A quarta pergunta investigava se as professoras já haviam vivenciado alguma situação envolvendo a sexualidade em sala de aula. Das participantes 85%

(17) afirmaram que já haviam vivenciado algum tipo de manifestação sexual por parte de seus alunos e apenas 15% (3) descrevem nunca ter vivenciado ou até mesmo percebido alguma ação que estivesse relacionada com a sexualidade.

A quinta questão visava explorar qual a atitude tomada por parte das educadoras nas situações que vivenciaram a manifestação da sexualidade de seus alunos. Após a análise de conteúdo, apresentaram as seguintes categorias de respostas: 46 % (14) das professoras afirmaram que conversaram coletivamente, buscando esclarecer com naturalidade as dúvidas ou questões trazidas pelos alunos ou trabalhar atos e atitudes que se manifestaram durante o desenvolvimento de seu trabalho pedagógico; 20% (6) das educadoras declaram que conversaram em particular com a criança; 17% (5) das professoras relataram a atitude de desviar com naturalidade a atenção da criança; 7% (2) relataram uma atitude repressora, em que em um relato foi apresentada a seguinte argumentação: “e se fosse necessário falava com os responsáveis”; 7% (2) das professoras pesquisadas relataram que se sentiram surpresas com a situação; 3% (1) ficou para apresentação de abuso sexual, ou seja, pedofilia.

Na sexta questão questionou-se sobre sua preparação para trabalhar as dúvidas de seus alunos em relação à sexualidade humana, 65% das participantes sala de aula, 35% afirmaram que não têm segurança para estar tratando sobre as questões e atitudes relativas à sexualidade humana com seus alunos.

A sétima pergunta questionava se o educador achava se é papel da escola trabalhar as dúvidas dos alunos sobre sexualidade, desenvolvendo um trabalho de orientação/educação sexual com crianças e adolescentes. Enquanto 75% (15) da amostra afirmaram ser papel da escola, 25% (5) das participantes responderam que não é dever da escola o trabalho de orientação sexual.

A oitava pergunta visava verificar a posição das professoras sobre a necessidade de se ofertar cursos de formação continuada para professores, voltados à abordagem dos conteúdos da orientação sexual.

Em relação à amostra 100% (20) dos participantes afirmaram a necessidade de serem ofertados cursos para que abordem a orientação sexual. Algumas afirmaram no momento de coleta de dados que é de suma importância um trabalho de “reciclagem de conhecimento” para os professores como formação continuada, principalmente os voltados para a sexualidade humana.

A nona questão investigou se as educadoras participariam de um curso voltado à preparação de professores para atuar diante das propostas do PCNs para a questão de orientação sexual. Novamente 100% (20) das professoras afirmaram que participariam de cursos preparatórios ou que envolvessem a temática orientação sexual apresentada pelo Pcn Orientação Sexual.

A décima pergunta indagou sobre qual o papel que a família tem na construção da sexualidade das crianças. 9% (2) afirmaram que a família faz parte do processo de formação da sexualidade de seus filhos; 32% (7) disseram que o diálogo aberto e sem preconceito entre pais e filhos é o melhor caminho para a construção da sexualidade das crianças; 50% (11) descrevem a família como sendo a base; 9% (2) afirmaram que a família é o auxílio que a escola tem no trabalho de orientação sexual da criança.

A última questão abordava qual a idade ou série que se deveria iniciar a orientação/educação sexual. 65% (13) afirmam que a orientação sexual deverá ser iniciada na educação infantil quando surgem às curiosidades, a masturbação, as perguntas relacionadas à sexualidade; 15% (3) descreve ser a partir dos 6 anos de idade; Para 5% (1) esse trabalho deverá se iniciar por volta dos 8 anos de idade; – Outros 5% (1) acreditam que a orientação sexual deve ocorrer no 4º ou 5º anos; Já 10% (2) são categóricos ao afirmar que esse trabalho só deveria ter início a partir do 5º anos do ensino fundamental.

DISCUSSÃO

O presente estudo possuía como objetivo geral investigar junto aos professores da educação infantil e das séries iniciais, das escolas da rede municipal

e particular de Jataí- GO suas concepções e práticas a respeito das manifestações da sexualidade infantil em sala de aula.

Para os professores o tema sexualidade infantil nem sempre é fácil de abordado e, em muitos casos, o motivo é a própria educação que estes profissionais receberam. A maioria dos participantes relatou um conceito de sexualidade adequado ao que é apontado pela literatura (Egypto, 2003). Neste sentido, possuem uma concepção de sexualidade como um fenômeno não somente biológico mas também psicológico e afetivo. Egypto (2003) afirma que a sexualidade é parte integral da personalidade de cada pessoa, pois a sexualidade não se restringe ao ato sexual, ou seja, ao coito. A sexualidade vai além, é a energia que motiva o indivíduo a amar, expressar seu afeto, tocar e ser tocado, chegando influenciar a saúde física e mental do indivíduo.

A sexualidade foi um tema tratado durante a formação inicial na graduação destes professores. Uma parcela considerável dos participantes relatou possuir conhecimentos teóricos considerados adequados pela literatura sobre sexualidade infantil. Vale frisar que relatar um conhecimento é diferente de praticá-lo sistematicamente.

Procurou-se também identificar se os professores conhecem as propostas de trabalho de orientação sexual vindas dos Parâmetros curriculares nacionais, se existe algum projeto sobre o tema sendo desenvolvido junto às crianças da educação infantil e das séries iniciais em Jataí, Goiás. Os educadores que participaram da pesquisa declararam-se conhecedores da proposta de trabalho dos PCNs sobre Orientação Sexual. Nunes e Silva (2006) veem os temas transversais como conteúdos formativos que caminham junto com as disciplinas curriculares de maneira a ampliar o conhecimento. Para os autores, os temas *Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual e Estudos Econômicos*, devem ser inseridos nos conteúdos ministrados pelos professores. Neste foco, para os autores o eixo Orientação sexual apresenta uma preocupação significativa com a questão da Cidadania, com a Ética e com os Direitos Humanos (Nunes; Silva, 2006, p. 64).

Vale ressaltar a necessidade e a disposição dos educadores da presente pesquisa de estarem participando de novos cursos voltados para esta temática. O preparo que o professor recebe durante sua formação inicial ou continuada é a garantia de um trabalho voltado para educar seus alunos em relação à sexualidade e o respeito à sexualidade de seus pares.

Camargo e Ribeiro (1999) afirmam que:

Os currículos dos cursos de formação de professores e professoras deveriam conter falas e vivências sobre a sexualidade humana, despertando as possibilidades do corpo e das emoções. Conhecer a sexualidade não significa aprender a estrutura dos genitais. Educação Sexual centrada na genitalidade advém de uma educação que disciplina, organiza e concentra o prazer nos genitais, assim procedendo, anestesia o resto do corpo (p. 50).

Quando questionadas a respeito da preparação em lidar com as manifestações em termos de sexualidade, pôde-se perceber uma certa incoerência nas respostas dos participantes. Mais especificamente, ao se fazer uma reflexão apurada a respeito das respostas dos participantes, observou-se repressão, insegurança, preconceito e tabus. Tal aspecto pode ser verificado nas seguintes falas analisadas:

Fala 1: “eu conversei e falei que não é certo nesse instante nem local, e que ainda não é hora pois são crianças e tudo tem a hora certa”.

Fala 2: “... encontrar o momento certo e conversar com a criança e se fosse necessário, conversaria com os responsáveis”.

Diante destes relatos, confirma-se o despreparo que o professor possui para aceitar e trabalhar a sexualidade de seus alunos. Sobral (2008), em seu estudo, verificou que a formação inicial dos professores não os prepara o suficiente para a abordagem ou trabalho de educação sexual em Cmeis ou escolas, pois ao descrever sua postura em situações que envolviam a sexualidade de seus alunos, algumas educadoras tentaram transparecer que agiram com respeito, calma e segurança. Afirma também que o discurso dos professores

pesquisados em um primeiro momento demonstra respeito e liberdade sexual. Mas, que na verdade, ao se fazer uma análise crítica da fala dos participantes verifica-se uma fala conservadora e mantenedora do status quo. Fato também comprovado no presente estudo.

Ainda sobre este fato, Nunes e Silva (2006) afirmam que as dificuldades que os educadores relataram nos estudos caracterizam falta de embasamento teórico voltado para análise do comportamento das crianças em relação a sua sexualidade. Desta forma, o comportamento do educador volta-se para elementos conservadores e tradicionais, resposta de uma cultura repressiva. Silva e Carvalho (2005) relatam que a maioria dos educadores continua tratando o assunto apenas em seu aspecto biológico, ou no máximo convidam médicos a palestrarem. Ainda enfatizam que:

Esse despreparo para trabalhar com as questões da sexualidade na escola, apresentado pelos professores, pode ter origem numa educação familiar anti-sexual e opressora que eles receberam e, também, na sua formação acadêmica inicial em que há pouca discussão sobre a temática (p. 74).

Os participantes da pesquisa ao serem questionados sobre como agem quando presenciam manifestações sexuais por parte dos alunos demonstraram possuir bastante dificuldade em abordar o tema de maneira coletiva. Usando subterfúgios para lidar com tais comportamentos, como desviar a atenção da criança, conversar em particular e/ou reprimir. Desta forma, o relato de umas das professoras participantes denota que ela não consegue conceber que a sexualidade faz parte do ser humano desde seu nascimento. Camargo e Ribeiro (1999) alegam que para se abordar o tema sexualidade o professor deve estar estruturado tanto em sua vida pessoal como em relação ao seu conhecimento. A organização e a contextualização do que vai ser abordado ou explicado deve estar mergulhando em um sistema de relações sociais. Para Nunes e Silva (2006, p. 75) a dificuldade que o professor possui para lidar com a sexualidade de seus alunos, acaba por aumentar a omissão e o abandono de uma reflexão crítica sobre a

sexualidade de maneira humanitária, crítica, histórica e científica.

Nunes e Silva (2006) relatam que uma das situações mais vivenciadas pelos professores é o ato da manipulação dos órgãos genitais, pois proporciona intensa sensação de prazer na criança. Os autores ainda afirmam que esta ação não é intencional, por isso eles afirmam daí ser absolutamente ridículo e descabido reprimi-la como “masturbação” ou perversidade (p. 77). Segundo os autores o que acontece frequentemente é o contrário do que deveria estar ocorrendo dentro das instituições de ensino, pois o que existe na verdade são professores que perseguem as crianças que manifestam sua sexualidade, como se isso fosse vícios, crimes ou afrontas aos educadores. Outra situação que comumente aparece por volta dos sete ou oito anos é o *exibicionismo/fetichismo*. E essa é uma das manifestações mais incompreendidas e reprimidas socialmente. Nas palavras de Nunes e Silva (2006, p. 82), o fetichismo é uma determinada atitude de cristalizar a curiosidade sobre os órgãos genitais e suas representações. Pode-se ainda acrescentar que o conhecimento do corpo e as recompensas que este saber potencialmente nos proporciona deve ser uma experiência pessoal e essencial para a formação de uma personalidade emancipada (Nunes; Silva, 2006). Neste sentido, é necessário esclarecer que nesta fase existe uma fixação em desenhá-los e dar a eles nomes. Necessário esclarecer que quando vivencia-se situações como estas, uma intervenção pedagógica segura reduz esses impulsos. Nunes e Silva (2006) ainda descrevem que:

As conversas sexuais, em grupo ou em particular, quase sempre reproduzem outros universos de informação, muitas vezes de larga influência sobre a criança e seu mundo. Não se trata de reprimir a expressão fetichista, mas de buscar dar-lhe uma significação mais apropriada, exaltando os caracteres de subjetividade humana que encerram (p. 82).

Uma parcela considerável dos participantes apontou ser papel da escola o trabalho de orientação sexual. Contudo, uma das professoras durante o período de aproximação da pesquisadora relatou o seguinte: “depois que inventaram esta história

de que a escola tem que tratar disso, ocorreu uma maior estimulação sexual por parte das crianças... rs, pois antes ela nem falava nisso e agora toda hora ficam com isso"⁴. Para Jardim e Bretãs (2006), o diálogo sobre certos temas não pode ser entendido como estímulo para seu desenvolvimento, mas sim como forma preventiva é o que afirma:

Ainda existe entre os educadores a concepção que se falarem sobre determinados assuntos estarão estimulando a sua prática, quando na realidade, os adolescentes muitas vezes já têm conhecimento destes "tabus" e carecem de esclarecimentos (p. 160).

Segundo Altmann (2001), a escola e não mais a família é a responsável por desenvolver ações críticas, reflexivas e educativas com o objetivo de promover o desenvolvimento físico e cognitivo das crianças e dos adolescentes.

Mas, quando questionadas a respeito de estarem aptas para trabalhar o tema orientação/educação sexual, ou até mesmo a desenvolver projetos voltados para a área da sexualidade, pouco mais da metade afirmou que se sentem aptas e seguras para estar esclarecendo as dúvidas e trabalhar este tema. O professor deve estar sempre atento às questões teóricas sobre a temática sexualidade e suas diversas formas de abordagem. Desta forma, preparando-se para intervenções práticas junto aos alunos e assim construir um espaço de reflexão sobre valores e preconceitos. E para que isso ocorra, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais sobre Orientação Sexual, é necessário que exista uma relação de confiança entre alunos e professor. E para que isso o educador deve se mostrar disponível para conversar a respeito das questões apresentadas pelos alunos, não demonstrar sua posição em relação à situação, mas ficar neutro em relação aos valores. Deve sempre informar corretamente do ponto de vista científico as questões indagadas pelos alunos, para que se desenvolva uma maior consciência de seu corpo. Desta forma a postura do professor é fundamental para que se assimilem os valores básicos propostos.

4. Professora, com formação na área de Letras.

Outro fator que ficou evidenciado em nossa pesquisa foi que para as participantes a família é a base para a construção da sexualidade na criança. Werebe (1998) afirma que a educação informal que se realiza pela família possui uma importância no desenvolvimento da criança e até mesmo na formação de valores. Para o autor, devido aos pais serem os primeiros educadores da sexualidade da criança, muitas das vezes isso ocorre de forma inconsciente, estes não têm noção das conseqüências que sua atitude ou fala vai proporcionar à criança. Desta forma, para Werebe (1998), os pais educam mais pela atitude do que pelo que dizem, é com eles que as crianças aprendem a representação de gênero ser mulher e ser homem. Mas o autor alerta que:

Nem sempre os pais oferecem aos filhos informações sobre a sexualidade, seja porque não possuem os conhecimentos para fazê-lo, seja porque se sentem constrangidos para tratar do assunto. [...] Há pais rígidos e moralistas que procuram impor aos filhos normas de conduta severas no domínio da vida sexual, impedindo que eles se desenvolvam sem complexos e sem culpabilidade. Outros, porém, são liberais, abertos e compreensivos, procurando manter com os filhos um diálogo sobre a sexualidade (p. 149).

Egypto (2003), afirma que a família possui um papel essencial na educação sexual de seus filhos, mas a escola não pode fugir de seu dever. Se é na escola o lugar de se discutir o conhecimento por meio do diálogo e da reflexão, então é na escola o melhor lugar para se trabalhar as dúvidas, inseguranças, medos, incertezas, anseios sobre a sexualidade.

Fica evidente mediante o resultado da pesquisa que as participantes não se sentem preparadas para desenvolver um trabalho de orientação sexual com seus alunos e, em alguns casos, se apresentam contrárias, ao dever que foi designado a escola para estar desenvolvendo projetos e atividades voltadas para esta finalidade. As autoras continuam pontuando que a sexualidade deve ser um tema a ser tratado não apenas pelos professores, mas por toda a equipe de trabalho da instituição de educação, de forma a remover as barreiras que prejudicam

o trabalho. Fica claro que a idade indicada para a ocorrência deste trabalho é a partir da educação infantil.

Para Gambale, Vergueiro e Silva (2006), a sexualidade deve ser tratada não apenas pelos professores, mas por toda a equipe de trabalho da instituição de educação, de forma a remover as barreiras que prejudicam o trabalho. Vale frisar que, segundo o PCNS (1997), o professor ao trabalhar o tema orientação sexual acaba educando mais por suas atitudes, do que pelo conhecimento propriamente transmitido. Outra forma de educar é a forma como os educadores encaram sua própria sexualidade e a sexualidade de seu próximo. Principalmente, quando este próximo é uma criança. O RCNEI (1998) apresenta que a atitude tomada pelo adulto diante da busca do prazer pela criança ou até mesmo ao responder a suas perguntas podem influenciar em sua vida adulta. É o que afirma:

A reação dos adultos às explorações da criança de seu próprio corpo e aos jogos sexuais com outras crianças lhe fornecem parâmetros sobre o modo como é vista a sua busca pelo prazer. Esse contexto influencia seus comportamentos atuais e a composição de sua vida psíquica (p. 18).

Finalizando, os resultados desta pesquisa demonstraram que a sexualidade é uma formação cultural e para que isso ocorra é necessário informações, diálogo e vivência. Assim sendo, na educação sexual os atuantes são os pais, amigos, os meios de comunicação que a todo o momento transmitem valores e informações. Para Freud (2006), se o professor ou cuidador da criança adotar atitudes respeitando sua sexualidade, estará contribuindo para a formação de um adulto consciente de si e que não terá dificuldade nenhuma para chegar a uma consciência crítica de mundo. Isso porque a autonomia se constrói partindo do conhecimento de seu próprio corpo (Gambale; Vergueiro; Silva, 2006),

Desta forma, está clara a importância de um profissional preparado e seguro tanto de sua sexualidade quanto da temática “sexualidade infantil” nas séries iniciais, para que se possa desenvolver um

trabalho de conscientização e esclarecimento que venha firmar a construção do conhecimento pela criança.

Ainda neste sentido, Silva e Neto (2004) afirmam:

[...] o professor preparar-se para a intervenção prática mediante leituras e discussões e tenha um espaço grupal de supervisão continuada e sistemática que possibilite uma reflexão sobre essa prática e sobre seus próprios valores e limites, o que o ajudará a ampliar sua consciência em relação à sexualidade e à visão de mundo, além de assumir uma postura ética na sua atuação (p. 187).

Para Nunes e Silva (2006), o trabalho de educação sexual deve esclarecer as dúvidas apresentadas pelas crianças ou alunos, buscando refletir sobre a ética atual em relação à sexualidade, à formação de elementos multiplicadores para o combate à resistência, à repressão e à violência sexual em geral, pois uma educação sexual emancipatória reconhece os estereótipos sexuais, questiona seus fundamentos, aspectos e propõe uma educação compreensiva e igualitária.

Recebido em: janeiro de 2011

Aceito em: março de 2011

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1997.
- CORTEZ, M. C. S. C. de. Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Sexo é uma coisa natural?* São Paulo: Summus, 1997.
- EGYPTO, Antônio Carlos. *Orientação Sexual na Escola: um projeto apaixonante: o projeto de orientação na escola*. (org). Clara Regina Rappaport. São Paulo. EPU, 1981.
- FREUD, S. *Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos*. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

- GAMBALE, C. A.; VERGUEIRO, F. V.; SILVA, M. C. P. Sexualidade começa na infância. In: SILVA, M. C. P. (Org.). *Orientação sexual na escola: quem envolver?* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- JARDIM, D. P.; BRETAS, J. R. S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. *Revista Brasileira de Enfermagem REBEn*, São Paulo, 2005.
- NETO, J. M.; SILVA, R. C. P. *Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas*. 2004. Dissertação (Mestrado) – São Paulo. Disponível em: <www.scielo.com.br>. Acesso em: 05 mar. 2010.
- NUNES, César. SILVA, Edna. A Educação Sexual da Criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Autores Associados. São Paulo, 2006.
- OUTEIRAL, J. O. *Sexualidade começa na infância: educar nos tempos de hoje*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- RIBEIRO, C. *A fala da criança sobre sexualidade humana: o dito, o explícito e o oculto*. Mercado das Letras, 1996.
- ZORNIG, Silvia Abu-Jamra. Doutora em Psicologia Clínica. Coordenadora do Curso de especialização em Psicologia Clínica com Crianças da PUC – Rio. *As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões*, 2008. Rio de Janeiro. Disponível em: www.scielo.com.br. Acesso em: 05/03/2010.